

Tatiane Rezende
Nunes de Souza

Resumo

O presente trabalho tem como finalidade refletir sobre como a dança pode atuar positivamente no processo de inclusão de surdos, no sentido não apenas da proximidade física, mas também de garantir a “interação, assimilação e aceitação” (Pereira, 1980), beneficiando-os particularmente no que se refere à socialização, dado que a dança “envolve a vivência de ritos, valores e a compreensão da produção humana” (Goulart, 2002); e possibilitando uma participação plena em atividades sociais e o conseqüente exercício de sua cidadania. O objetivo central é defender a idéia de que a dança pode auxiliar no processo de inclusão dos surdos, trazendo benefícios na área psicomotora e no modo do indivíduo ver a si mesmo e de perceber o outro, o que influencia sua vida social. Para tanto, além de pesquisa bibliográfica foram feitas observações de campo em duas instituições que utilizam a dança como prática educativa

...A Dança na Educação de Surdos: um caminho para a inclusão*

com os surdos: a Associação de Assistência à Criança Surda (AACCS) e o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Palavras-chave: surdez; dança; inclusão.

Abstract

This paper intends to make people reflect about how dance may act positively in the process of deaf people inclusion, not only helping them to get physically closer to the others, but also assuring their “interaction, assimilation and acceptance”

(Pereira, 1980), bringing socialization benefits through dance, which “involves experiencing rites, values and human production understanding” (Goulart, 2002). This leads to an effective participation in social activities and the consequent exercise of their citizenship. The main goal of this work is defending that dance can help including deaf people, improving their psychomotor abilities, and the way the individual perceives himself and the others, influencing his social life. The study was based on a vast bibliography, in addition to field research in two institutions that use dance as an educational practice tool: the Deaf Child Assistance Association (AACCS) and the National Institute of Deaf Education (INES).

Keywords: deafness; dance; inclusion.

*Objetivando monografia de término de graduação do curso de Pedagogia da UFRJ, este texto integra pesquisa cadastrada na DIESP/INES.

Orientadora: Prof^a Dra. Mônica Pereira dos Santos.
tati_sorriso@ig.com.br

Material recebido em setembro e selecionado em novembro de 2004.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/04

74

Introdução

O trabalho aqui relatado consiste em um estudo exploratório sobre a relevância da dança como facilitador da inclusão de pessoas surdas, realizado em duas instituições: na Associação de Assistência à Criança Surda (AACCS) e no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica apropriada sobre o tema e utilizaram-se instrumentos para coletas de dados em campo, tais como: observações diretas; entrevistas não-estruturadas; conversas naturais e questionários.

O objetivo central consistiu em saber de que forma a dança poderia auxiliar no processo de inclusão dos surdos. Para tanto, as seguintes questões de estudo foram organizadas:

- 1) Como a dança é trabalhada com os surdos?
- 2) Quais os benefícios, assim como as mudanças, que ela promove?
- 3) Como e por que essas mudanças se efetivam, quais os processos que estão implícitos?
- 4) Que tipos de interação ela promove?

Como a surdez é uma condição que afeta principalmente a comunicação do indivíduo, já que, ao não ouvir, torna-se complicado apreender o modelo lingüístico utilizado pelos seres humanos ouvintes (a fala), a dança pode representar um modo de ampliação das possibilidades expressivas dos surdos, já que se baseia em um outro tipo de linguagem: a corporal.

Neste contexto, a dança pode ampliar a comunicação, pois apesar de estar dentro da linguagem corporal, esta também faz parte dos hábitos sociais dos ouvintes, diferentemente da Libras, língua natural dos indivíduos surdos. A dança está nas *boîtes*, nas festas, no teatro e em muitos locais que permitem a interação.

Este estudo é relevante para a área educacional, pois a dança, além de ser uma forma de lazer (essencial para o desenvolvimento de todos os indivíduos), é também uma forma de expressão; e os surdos, como cidadãos, têm o direito de participar dessa atividade e usufruir de seus benefícios.

As comunidades surdas

Apesar dos avanços obtidos no movimento pela inclusão de pes-

soas com deficiências nos mais variados aspectos da vida humana, ainda percebe-se um bom percentual de segregação.

A segregação dos surdos na chamada "comunidade surda" é um dos pontos que o estudo busca superar através do exame dos aspectos da atividade de dança. Assim, primeiramente faz-se necessário compreender como e por que os indivíduos surdos agrupam-se dessa maneira.

De um modo geral, os seres humanos formam grupos baseados nos parentescos, aptidões, religiões; enfim, em afinidades. No caso dos surdos, eles muitas vezes formam a chamada comunidade surda, baseados no fato de utilizarem a Libras.

De acordo com Teske (1998: 148):

A comunidade surda é um complexo de relações e interligações sociais que diferem de outras comunidades onde existe a possibilidade de comunicação oral, pois as pessoas surdas necessitam da língua de sinais e das experiências visuais para realizar uma comunicação satisfatória com outras pessoas.

Cabe ressaltar que os ouvintes que sabem utilizar a Libras também

Os surdos mostram-se otimistas frente ao fato de ouvintes quererem aprender “sua” língua. Tal fato demonstra que essas comunidades se formam não apenas pelo fator físico “surdez”, mas pelo fator lingüístico, essencial em uma relação.

são aceitos nesse espaço. Os surdos mostram-se otimistas frente ao fato de ouvintes quererem aprender “sua” língua. Tal fato demonstra que essas comunidades se formam não apenas pelo fator físico “surdez”, mas pelo fator lingüístico, essencial em uma relação.

É possível dizer que não existe somente uma comunidade surda, mas várias comunidades “surdas”, bem como existem várias comunidades “ouvintes”, já que há uma grande variedade de características que influenciam nesse agrupamento, tais como: classe social, religião, lazer, etc. Na realidade, o que existe são algumas “especificidades culturais”.

Nesse sentido, a dança é um tipo de atividade que pode “romper” com uma dicotomia entre comunidades surdas X comunidades ouvintes, por ser fundamentada em uma vontade comum, que pode ser inerente a ambos os grupos; e na qual o diálogo se dá através do corpo e do movimento.

Inclusão

Devido à dificuldade na utilização da língua oral, a comunicação dos surdos fica severamente afetada, e com isto eles acabam

sendo segregados, ficando à parte dos acontecimentos sociais.

Em contraposição a este fato está a política da inclusão, que consiste em oferecer oportunidades de vida iguais a todos e, no caso dos deficientes, dando acesso ao mundo físico e das relações sociais. É possível afirmar que “historicamente, o movimento pela inclusão pode ser considerado como parte de uma série de movimentos em favor da garantia da igualdade dos direitos sociais de participação, de acesso e permanência nos vários bens e serviços sociais, incluindo a educação” (SANTOS, 1999/2000: 1).

De acordo com a Declaração de Salamanca: “Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao gozo e exercício dos direitos humanos” (apud SANTOS, 1999/2000: 6). Dessa forma, a inclusão é vista como um resgate da cidadania, a luta pela emancipação e o direito à participação na sociedade.

Cabe ressaltar que, do ponto de vista aqui defendido, prioriza-se também a prática da reabilitação, vista como “um processo social que visa à integração do indivíduo na sociedade” (FERNANDES, 1990: 51). Apesar da autora refe-

rir-se à integração, a reabilitação também é necessária para a inclusão, não no sentido de tentar “normalizar” o portador de deficiência, fazendo-o passar por processos que são muitas vezes dolorosos, mas com o intuito de proporcionar-lhe oportunidades de desenvolver-se de modo integral, aprendendo a lidar com sua própria deficiência, colocando a ênfase sobre suas capacidades.

Fernandes (*idem*) comenta que “o surdo só será considerado reabilitado se puder alcançar o estado de convivência e automanutenção no meio social dos ouvintes”. Mais do que isso, pensa-se que tal fato só ocorrerá se este conseguir realmente se sentir parte do grupo social.

A dança mostra-se uma prática inclusiva, pois tem permitido a muitos indivíduos surdos entrarem em contato com os ouvintes, aproveitando-se integralmente dessa atividade.

Linguagem

A linguagem é um sistema simbólico tipicamente humano, sendo uma das mais importantes aquisições deste grupo. De acordo com Vygotsky, a linguagem possui duas funções essenciais: a de “intercâmbio cultural”, ou seja, de poder comunicar-se com os outros componentes do grupo social; e a de “pensamento generalizante”, que se refere à capacidade de conceituar (OLIVEIRA, 1992: 27).

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/04

76

Quanto ao primeiro aspecto, é fácil perceber que, por não participar da linguagem usual dos ouvintes, a linguagem oral, muitas vezes o surdo fica de fora da interação social. "O significado social da surdez está, portanto, intimamente ligado à ausência da linguagem comum ao meio cultural em que vive o D.A.¹" (FERNANDES, 1990: 50).

A segunda função determinada por Vygotsky é a do "pensamento generalizante". Para a compreensão dessa forma de pensamento, primeiro é preciso salientar que, para o autor, pensamento e linguagem começam a desenvolver-se de modo independente e a partir de um determinado momento é que se encontram.

É ao encontro entre pensamento e linguagem que se remete o interesse deste trabalho. Esses dois processos passam a se relacionar devido à inserção do indivíduo em um grupo cultural. Assim, forma-se um novo tipo de funcionamento psicológico, onde a linguagem torna-se racional e o pensamento, verbal, mediado pelos significados constituídos através da linguagem. É nesse momento que surge o chamado "discurso interior", um dialeto pessoal responsável pelo pensamento verbal.

O pensamento verbal passa a ser predominante no funciona-

... a dança, traduzindo-se em uma linguagem que utiliza os fatores perceptivo-visuais e gestuais, é capaz de trabalhar com emoções e sentimentos, integrantes da categoria abstrata, podendo trazer benefícios aos surdos também nesse aspecto.

mento psicológico humano, porém, a linguagem sem pensamento e o pensamento sem linguagem continuam co-existindo (OLIVEIRA, 1997).

A surdez costuma afetar algumas operações mentais, principalmente as relacionadas aos processos simbólico-verbais. Sabe-se que mesmo os surdos conseguem desenvolver uma linguagem, ainda que espontaneamente, geralmente baseada em gestos. Porém, esta não é suficiente no que diz respeito a suprir as necessidades psicológicas de utilização de um código simbólico-verbal, o que pode afetar, por exemplo, a capacidade de memória (Fernandes, 1990). Através da linguagem é possível chegar a novas formas de atenção, imaginação, ação e pensamento.

Em contrapartida, alguns processos perceptivo-visuais desenvolvem-se mais em surdos do que em ouvintes, de acordo com suas necessidades, podendo trazer benefícios nos aspectos psicológicos com funções de alerta

e defesa. (Myklebust *apud* FERNANDES, 1990).

Desse modo, conforme observam Luria e Yudovich (*apud* FERNANDES, 1990: 43):

O surdo a quem não se ensinou a falar indica objetos ou ações com um gesto e é incapaz de abstrair a qualidade ou a ação do próprio objeto, incapaz de formar conceitos abstratos, de sistematizar os fenômenos do mundo exterior com a ajuda de sinais abstratos proporcionados pela linguagem e que não são normais à experiência visual adquirida praticamente.

Nesse sentido, cabe destacar que a dança, traduzindo-se em uma linguagem que utiliza os fatores perceptivo-visuais e gestuais, é capaz de trabalhar com emoções e sentimentos, integrantes da categoria abstrata, podendo trazer benefícios aos surdos também nesse aspecto.

¹D.A.: deficiente auditivo.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/04

77

A linguagem corporal

Quando utilizamos gestos, expressões faciais, movimentos, etc., estamos utilizando a linguagem corporal.

Muitos estudiosos buscam compreender o que pode estar sendo dito através do corpo. Assim, estudam desde a postura e os movimentos até as expressões faciais. Acredita-se inclusive, que através da "leitura corporal" é possível descobrir se uma pessoa está mentindo.

Tal fato ocorre porque as emoções encontram-se relacionadas às expressões corporais. O corpo possui um sistema interligado de nervos e músculos que refletem o estado emocional do indivíduo (MORGAN, 1989).

Todas as pessoas exprimem suas emoções, porém a aprendizagem pode modificar a forma de exprimi-las. Assim, cada cultura tem uma forma de expressar sua emoção, e cada pessoa, o seu jeito.

Nesse sentido, o aprendizado da dança pode acarretar um modo original do indivíduo poder expressar-se e também comunicar-se, já que "a expressão corporal permite projetar a essência criadora do corpo" (MORGAN, 1989: 87).

A dança

A dança é um ato de encontro consigo mesmo e com o mundo que nos rodeia. A dança desperta emoções, transforma o indivíduo e proporciona bem-estar.

Tendo como instrumento seu próprio corpo, o homem pode

Todas as pessoas exprimem suas emoções, porém a aprendizagem pode modificar a forma de exprimi-las. Assim, cada cultura tem uma forma de expressar sua emoção, e cada pessoa, o seu jeito.

comunicar a sua história, sua cultura e seu estado emocional através da dança. Além disso, como as demais atividades artísticas, nasceu de uma necessidade do ser humano de se expressar (COSTA, 1998: 19).

Um dos primeiros indícios que se tem dessa prática consiste nas figuras que representam homens dançando, encontradas nas cavernas de Lascaux. Além disso, em escritas traduzidas de povos extintos, há indícios da existência da dança como parte de cerimônias religiosas (FARO, 1986).

Fora o caráter religioso, a dança também serviu a muitos outros fins, como expressar emoções e comunicar fatos. O homem primitivo dançava em todas as ocasiões, pois esta era uma ação espontânea, que fazia parte do seu dia-dia (COSTA, 1998).

Como exemplo dessas manifestações, é possível citar as danças fúnebres ainda existentes no Egito, praticadas pelos parentes da pessoa falecida; a Dança da Chuva, praticada pelos índios norte-americanos; as danças guerreiras, que eram executadas pelos soldados romanos; a Dança do Ventre, que tem como intenção propiciar a fertilidade; e a Dança Flamenca, que expressa a história de luta de um povo perseguido; entre outras.

A dança traduz a cultura de um povo, e diferencia-se de acordo com o contexto vivido. Na atualidade, a dança continua a fazer parte dos ritos sociais, embora tal fato passe muitas vezes despercebido. Ela está nos teatros, como forma de manifestação artística; nas festas, onde serve como um meio para a descontração; nas

A dança é um ato de encontro consigo mesmo e com o mundo que nos rodeia. A dança desperta emoções, transforma o indivíduo e proporciona bem-estar.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/04

78

boîtes, onde serve como um instrumento de sedução e conquista; e em muitos outros lugares, podendo inclusive ser utilizada como uma forma de terapia.

Apesar de muitas vezes aparecer relacionada ao caráter técnico, a dança surgiu a partir de uma prática espontânea, de uma forma de expressão criada pelo ser humano.

Assim, o objetivo da dança como prática educativa é resgatar a expressão, trabalhar o ser como um todo, estimular a cooperação, de modo prazeroso, sabendo-se que “toda a evolução da dança mostra que esta sempre se apresentou envolvida no processo ensino/aprendizagem, abrangendo sempre habilidades como perceber, sentir, conhecer, estruturar, criar, tomar decisões, enfim, avaliar” (NANNI, 2002: 90).

Além de que, “a consciência do próprio corpo, a elaboração do raciocínio e o poder de decisão característicos da atividade de dançar contribuem significativamente para o processo educacional” (ALMEIDA, 2000: 61). Isto significa que as habilidades desenvolvidas através da dança influenciarão na vida e na aprendizagem como um todo.

Benefícios da dança

A dança pode promover muitos benefícios ao desenvolvimen-

to humano em seus aspectos psicomotores², tais como:

- a conscientização corporal
- a construção espaço-temporal
- a estruturação rítmica
- o desenvolvimento da lateralidade.

Consciência corporal

É possível definir como consciência a capacidade humana que consiste em reconhecer suas próprias necessidades vitais e buscar a melhor forma de supri-las.

Faz parte do processo de conscientização corporal:

o **esquema corporal** como representação mental que o indivíduo tem do próprio corpo, de cada parte que o forma, e de suas possibilidades. Constrói-se através das experiências, do contato do corpo com o meio, da percepção e das sensações (ROSADAS, 1989).

Cabe destacar que é fator fundamental na formação da personalidade, já que o indivíduo passará a perceber os elementos que o cercam a partir da imagem que tem de si.

Construção espaço-temporal

Pode-se dizer que esta tem grande relação com a consciência corporal, já que só é possível perceber o meio a partir de seu

corpo. Assim, a orientação espacial consiste em saber que o seu corpo pode movimentar-se em relação aos objetos que fazem parte de seu espaço.

A dança trabalha efetivamente a noção de espaço, não apenas através dos movimentos (deslocamentos), mas também da “racionalização que se faz acerca da trajetória (distância, direção, velocidade, altura, etc.)” (NANNI, 2002: 102).

A orientação temporal consiste na capacidade de o indivíduo situar-se, em razão: da sucessão de acontecimentos (antes, depois...), dos ciclos (meses, anos, semanas,...), da duração dos intervalos (longo ou curto, cadência, ritmo) (MEUER e STAES, 1989).

A ação de dançar estimula o bom desenvolvimento dessa estruturação, através do movimento, enfocando a velocidade, o ritmo, as seqüências (ordenação), a duração, etc.

Meuer e Staes (1989:15) afirmam que “as noções temporais são muito abstratas, muitas vezes bem difíceis de serem adquiridas por nossas crianças” e os surdos, também podem apresentar semelhante dificuldade. Dessa forma, a proposta da dança pode facilitar esse tipo de aprendizado por torná-lo uma experiência “concreta”, isto é, que pode ser vivida e sentida pelo corpo.

²De acordo com Meur e Staes (1989), a psicomotricidade consiste na relação existente entre motricidade, mente e afetividade, com o intuito de permitir uma abordagem global do indivíduo.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/04

79

O ritmo faz parte da vida, está nos batimentos cardíacos do ser humano, na sua respiração, no seu cotidiano. Na dança, ele pode ser trabalhado a partir do individual, para se chegar ao ritmo coletivo

Estruturação rítmica

A estruturação do ritmo é definida como “a coordenação motora e a integração funcional de todas as forças estruturantes, tanto corporais, como psíquicas e espirituais” (Turbino, 1975 *apud* ROSADAS, 1989: 167). Fazem parte da noção de ritmo, além dos conceitos já mencionados: a ordenação, a sucessão e a alternância (MEUER e STAES, 1989). O ritmo é importante para o ser humano porque permite a harmonia dos movimentos.

O ritmo faz parte da vida, está nos batimentos cardíacos do ser humano, na sua respiração, no seu cotidiano. Na dança, ele pode ser trabalhado a partir do individual, para se chegar ao ritmo coletivo (quando o trabalho for feito em grupo). Segundo Nanni (2002:163), “num grupo, a sincronia dos movimentos das pessoas indica interação — se um deles é rejeitado, seu movimento tem outro ritmo”. Percebe-se desse modo que o ritmo faz par-

te também das relações interpessoais; e no caso dos surdos, o trabalho rítmico mostra-se imprescindível, já que pode permitir uma melhor inclusão no meio social do qual faz parte.

Lateralidade

Corresponde à dominância em força e precisão de um lado do corpo em relação ao outro. Isto ocorre porque os hemisférios cerebrais possuem funções distintas. Porém, apesar dos dados neurológicos, a lateralidade também sofre influência dos hábitos sociais (MEUER e STAES, 1989).

Seu bom desenvolvimento é importante para a coordenação motora e o equilíbrio. Para Cos-

ta, “a lateralização constitui um elemento importante da adaptação psicomotora” (*apud* ROSADAS, 1989: 155).

O que se pode perceber na prática é que os surdos, em especial, costumam demonstrar uma certa dificuldade nesse aspecto, não desenvolvendo integralmente sua dominância lateral. Isso provavelmente ocorre quando sua deficiência é do tipo central, causada no sistema nervoso.

Uma forma de estimular o bom desenvolvimento nesses casos é através de atividades que envolvam o movimento de forma espontânea. Nesse caso, a dança mostra-se como uma boa sugestão, já que envolve a participação criativa do indivíduo.

Psicomotricidade e afeto

A dança, como atividade corporal que é, trabalha de modo lúdico com as emoções e mostra-se um meio efetivo na elaboração do “eu”, no resgate da auto-estima e da auto-realização. Para uma melhor compreensão da influência da dança na afetividade e formação da personalidade, cabe conhecer:

A dança, como atividade corporal que é, trabalha de modo lúdico com as emoções e mostra-se um meio efetivo na elaboração do “eu”, no resgate da auto-estima e da auto-realização.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/04

80

a) O jogo simbólico: Nanni (2002: 66) sugere que “ao simbolizar, o homem recria o espaço mental e torna-o objeto consciente através do jogo simbólico”, sendo este “a manifestação da expressão simbólica no qual o homem se expressa, se realiza, estabelecendo seus limites através da pele”. De acordo com tal definição, é possível incluir a dança como uma das formas de realização desse jogo, já que através dela estimula-se a percepção dos limites mencionados, abrindo caminho para a expressão emocional espontânea através da linguagem corporal.

Na dança, o ser humano reelabora suas experiências, seus sentimentos, seus afetos, indo ao encontro de si mesmo e do outro através da comunicação não-verbal. Para os surdos, pode ser uma forma significativa de ampliar a sua compreensão do mundo, de expressar-se e de concretizar uma forma de interação e comunicação com os outros indivíduos, sendo estes surdos ou ouvintes.

b) A pulsão do movimento: De acordo com Freud (*apud* NANNI, 2002), o esquema psicológico do ser humano se constitui a partir da satisfação de suas necessidades fisiológicas, gerando o prazer. Como

o sistema tônico (sensitivo e motor) é um dos responsáveis pelo contato com o mundo, diz-se que existe um prazer no movimento, na ação.

Entende-se em Nanni (2002) que a pulsão do movimento está relacionada à pulsão de vida, isto é, com a busca da satisfação das necessidades e do prazer. Nesse sentido, a autora afirma que “tal como na oralidade, analidade, sexualidade, há também na motricidade o aspecto da libido — um prazer de movimento, um prazer de agir existe” (p. 54)³.

Assim sendo, acredita-se que “o homem necessita de um mundo de movimento para manter-se orgânica e emocionalmente sadio” (p. 10), sendo a dança um instrumento nesse processo.

A dança na educação dos surdos

O trabalho de dança foi pesquisado de duas formas: através da investigação teórica e da observação na prática. Quanto à teoria, receberam destaque os seguintes autores: Fortes e Lago, Fux e Almeida.

Fortes e Lago (1990) relatam o projeto que desenvolveram no CDEDA (Centro de Dança e Estudo do Deficiente Auditivo, criado em 1987), no qual utilizaram o Método Perdoncini, baseado na

estimulação auditiva. Segundo as mesmas, “a criança sente a necessidade de perceber a música através da sua audição para poder dançar, tornando a atividade agradável e motivante” (p. 40).

Fux (1982) alega que os surdos não podem ouvir a música da mesma forma que as pessoas ouvintes, já que estes escutam as frases musicais. Porém, os surdos podem sentir a cadência e o ritmo, que não são audíveis, e sim, perceptíveis. Segundo a autora:

a música é uma coisa viva e não fica no receptáculo auditivo apenas, mas penetra em todo o corpo. Podemos escutá-la com o calcanhar, com o ventre, com uma mão, participar com todo o corpo (p. 45).

Desse modo, é possível vivenciar a música através dos movimentos corporais.

Apesar de também ter desenvolvido um trabalho envolvendo música e ritmo, no momento inicial de sua prática com deficientes auditivos Fux trabalhava apenas com o silêncio. Para esta, mesmo no silêncio existe um ritmo interno. Isto quer dizer que o ritmo está em todas as coisas, inclusive no próprio ser humano, fazendo parte de sua respiração, batimentos cardíacos, do seu modo de andar, de comer, etc.

Almeida (2000) também relata sua experiência com surdos, e trabalha o ritmo interno através da percepção dos batimentos cardíacos próprios e também dos demais companheiros. O autor afirma que:

³Não foi objetivo do trabalho estender-se acerca da teoria freudiana. Para maiores detalhes, ler RAPPAPORT (1981).

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/04

81

ao identificar os diferentes ritmos cardíacos e suas alterações, o aluno compreende sua pessoalidade rítmica, que partiu da constatação interoceptiva (sensações internas) para a proprioceptiva (percepção do próprio corpo) e exteroceptiva (sensações de si, do espaço e do outro pelo contato). (p.51)

Nesse sentido, a propriocepção é importante, porque quem “domina suas reações tem um alicerce sólido para viver e interagir melhor em seu meio” (p. 51).

O autor enfatiza ainda a importância da música, já que os surdos são capazes de perceber os sons. Segundo o mesmo, é comum que as pessoas, sem conhecer muito bem a deficiência auditiva, desconheçam o potencial dos seus portadores, achando que não podem aproveitar-se da relação com a música e dando a esta papel secundário; tal fato prejudica o trabalho de dança, já que passa a constituir-se apenas em movimentos corporais, sem relação com o ritmo.

Tanto Fux (1982) quanto Almeida (2000) defendem a dança como prática inclusiva, isto é, que permita o contato entre surdos e ouvintes. Nesse sentido, a primeira alega que um grupo misto (ouvintes e surdos) facilita o desenvolvimento da capacidade compreensiva dos surdos, já que estes têm a oportunidade de perceber visualmente as possibilidades de movimentos, passando a buscá-los dentro de si mesmos. Nesse contexto, a comparação e a imitação são entendidas de forma positiva.

Na prática, os trabalhos observados se davam a partir da estimulação auditiva, sendo que no INES também se utilizava a vibração.

A AACCS trabalha a partir do oralismo, utilizando o Método Perdoncini. Dessa forma, o trabalho de dança realizado nesta instituição é baseado na estimulação auditiva. Há efetivamente duas profissionais envolvidas com o trabalho: uma professora de educação física e uma fonoaudióloga.

Cabe mencionar que existe um grupo de dança, que aprende coreografias e participa de algumas apresentações, quando convidados. Sendo assim, nem todos os alunos participam deste grupo, mas todos têm um trabalho de estimulação auditiva, ritmo, e aprendem coreografias relativas à própria escola (festa junina, etc.). E como se passassem por um estágio de preparação antes de ingressarem no grupo. No geral, as coreografias são baseadas na estimulação auditiva, na percepção das mudanças da música.

Esse trabalho é muito demorado e exaustivo, porém pode trazer muitos benefícios para o indivíduo surdo. Um exemplo é a ampliação da atenção e da concentração, já que precisam acompanhar a dança.

A proposta de dança também ajuda a desenvolver valores como, por exemplo, a responsabilidade. No início, quando iam participar de algum evento, os alunos deixavam as roupas larga-

das. Atualmente, cada um cuida do que é seu; guarda e dobra as roupas. Além disso, passaram a ter mais disciplina quanto ao horário e exigem o mesmo dos pais.

Para participar do grupo de dança exige-se do aluno disciplina, isto é, somente participam aqueles que têm um bom comportamento em sala de aula e nos teatros onde se apresentam.

Os alunos também passaram a ajudar-se mutuamente e sabem quando o colega tem dificuldade, ou ainda não aprendeu a coreografia. Nesse sentido, houve uma coreografia que os próprios alunos escolheram dançar e foi-lhes ensinada pelos alunos mais antigos que conheciam a dança. Tal experiência foi benéfica, pois permitiu um espaço de troca maior entre eles e também uma relativa autonomia.

Outra questão interessante é que estão aprendendo a lidar com o fracasso. Os alunos não conseguiam lidar com as dificuldades, com as suas limitações. Atualmente, aceitam ser corrigidos, pois sabem que com esforço podem melhorar. Além disso, as correções não são feitas de maneira rígida; ao contrário, busca-se elogiar ao máximo o desempenho deles.

Durante o período de observação pude notar que alguns alunos demonstravam dificuldades na coordenação motora. Segundo a fonoaudióloga, tal fato tem mais a ver com a causa da surdez do que com o seu grau. Tem-se

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/04

82

como exemplo a meningite, que pode afetar áreas do cérebro relacionadas à motricidade.

Através das observações, é possível notar a “evolução” do aluno na dança, isto é, as mudanças e benefícios que esta gerou. Uma das características percebidas foi o fato de que atualmente os alunos conseguem dar continuidade à dança após o erro, fato que não ocorria antes.

Ao se comparar os ex-alunos da instituição que ainda integram o grupo de dança e os alunos atuais, que estão há menos tempo no grupo, pôde-se constatar que os primeiros possuem uma facilidade visivelmente maior para aprender as novas coreografias que os demais. Tal fato implicaria em uma série de alterações provocadas pela dança, como: a ampliação da capacidade motora (e, conseqüentemente, da consciência corporal e espacial) e da compreensão (abrangendo a atenção e a abstração).

No INES, apesar de a instituição atuar a partir de uma visão bilíngüista, a professora de dança (dança de salão) utiliza o Método Perdoncini, pois foi o que fez parte de sua formação. Assim como a instituição anterior, busca trabalhar a partir dos estímulos sonoros, porém também abre espaço para a percepção da vibração.

Seu projeto chama-se “Dançando o silêncio”, baseado na obra de Fux; mas trabalha com a dança de salão. A proposta de trabalho é bastante interessante, já

que lida com ritmos do cotidiano, como o “Forró”, e outros menos conhecidos, como o “Zouck”, permitindo uma gama ampla de conhecimentos.

A dança de salão foi escolhida, pois permite uma interação entre surdos e ouvintes sem ser baseada na competitividade, mas na cooperação, já que precisam ser parceiros para dançar bem.

Em relação aos pais, através dos questionários estes se mostraram satisfeitos quanto ao trabalho realizado:

Acho legal, porque mistura as crianças: os grandes e os pequenos, e também porque eles não dão trabalho para a professora. Ela não reclama de bagunça. Todos participam e ela sempre está dançando junto com eles, faz teatro, assiste a filme, tudo.

Outro aspecto destacado nos questionários relaciona-se aos “pais”. Segundo uma das mães, a prática da dança é importante “porque o INES leva os alunos no Carnaval, pro forró, etc. Agora também vão na escola de jongo”.⁴

Conclusões

O presente texto teve como objetivo apresentar o estudo exploratório realizado acerca da prática de dança com surdos. Tal trabalho surgiu da possibilidade de se encontrar uma nova forma de expressão para os indivíduos deste grupo, e também por ter sido observada uma forte aceitação desta prática pelos surdos. Para a realização deste estudo, conforme observado na introdução, algumas questões norteadoras foram organizadas. Passaremos, a seguir, a tecer nossas considerações finais sobre o estudo, respondendo perguntas.

A primeira pergunta tratou de investigar como a dança é trabalhada com os surdos.

O que se pôde concluir é que em todas as obras analisadas (parte teórica), o trabalho de dança com surdos obedecia a dois princípios: trabalhar o ritmo interno, com toda a subjetividade do indivíduo, explorando sensações, expressão e criatividade; e fazer a estimulação auditiva, permitindo ao surdo perceber a presença desta, assim como

⁴Referindo-se ao Jongo.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/04

83

... os alunos que integram o grupo de dança melhoram seu desempenho escolar, ficam mais atentos, responsáveis, disciplinados, comunicativos e menos tímidos.

as mudanças que sofre, aproveitando-se desta relação.

Na prática, todo trabalho observado também utilizava a estimulação auditiva. Porém, nota-se que a parte subjetiva da dança (sentimentos, emoção, expressão, significado) poderia ser melhor explorada, dando aos alunos a oportunidade de criação.

A importância deste enfoque é que estimula a abstração a partir da experiência. Para tanto, faz-se necessário ter em mente qual o real objetivo da dança: se para a apresentação artística, ou com fins terapêuticos (ou ainda, se ambos).

Na segunda pergunta, procuramos saber quais os benefícios, assim como as mudanças, que a dança poderia promover na vida dos surdos.

De acordo com as observações e com os questionários respondidos, o que se pôde concluir é que os alunos que integram o grupo de dança melhoram seu desempenho escolar, ficam mais atentos, responsáveis, disciplinados, comunicativos e menos tímidos. No geral, o que se percebe é uma melhoria comportamental, que

facilita o processo de socialização.

A terceira pergunta preocupou-se em saber como e por que essas mudanças se efetivam, quais os processos que estariam ali implícitos.

A dança influencia no desenvolvimento psicomotor. Desse modo, ao se melhorar o aspecto afetivo e motor, permite-se que o indivíduo desempenhe melhor algumas tarefas como, por exemplo, a escrita (que necessita de habilidades como coordenação motora, noção espacial, lateralidade), proporcionando-lhe maior autonomia e auto-estima, o que aumenta a vontade de interagir.

Além disso, a atividade de dança trabalha intrinsecamente com aspectos como: atenção, concentração, disciplina, auto-superação e cooperação, que são necessários para se ter uma boa vida social.

... a atividade de dança trabalha intrinsecamente com aspectos como: atenção, concentração, disciplina, auto-superação e cooperação, que são necessários para se ter uma boa vida social.

Por fim, na quarta pergunta indagamos que tipos de interação a dança promove, e descobrimos que ela permite um maior contato consigo mesmo, a partir da maior conscientização corporal; e também com os outros indivíduos, seja por meio da imitação, da dança em conjunto, da cooperação, da parceria.

No geral, foi possível perceber e confirmar, através de conversas, que os surdos realmente gostam de dançar, e que tal fato pode aproximá-los dos ouvintes a partir do momento em que compartilham uma experiência em comum. De acordo com o relato de um indivíduo surdo:

◊ Danço muito bem essa tipo festa 15 anos danso (*sic*) mto bem com as meninas até danço como formatura danço mto bem sabe como aprendi só olhando e percebendo outra da pessoa como dança me sento igual e daí (*sic*) aprendi eh (*sic*) simples.⁵

Nesse contexto, a dança pode agir como um agente inclusivo, já que “a linguagem encerrada no

⁵“Danço muito bem em festa de 15 anos com as meninas. Danço muito bem até em formatura. Sabe como aprendi? Só olhando e percebendo como a outra pessoa dança. Me sinto igual, e daí, aprendi. É simples” (tradução feita por mim).

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/04

84

corpo é um longo caminho de encontros, e é uma ponte de comunicação para integrar o ser vivo, descobrir o seu mundo interno e melhorá-lo". (FUX, 1982: 82).

Apesar de ter conseguido responder as questões propostas, ainda se tem muito o que estudar acer-

ca do assunto, já que não existe uma formulação metodológica concreta, e os profissionais que atuam na área trabalham a partir da experimentação. Além disso, a dança é um tema muito abrangente, e pode favorecer não apenas aos surdos, mas a todas as pessoas.

De qualquer modo, o estudo mostrou-se importante, pois trouxe à tona os benefícios proporcionados pela dança, nem sempre reconhecidos pelos demais profissionais, e também exemplos de manifestações culturais dos quais este ato faz parte, comprovando que a sua prática pode auxiliar os indivíduos surdos a se incluírem nos ritos sociais.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Antonio Carlos. **Surdez, paixão e dança**. São Paulo: Olho D'Água, 2000.
- COSTA, Ana Lucia Borges da. Dança: uma herança à disposição de todos. *In*: RAMOS, Renata Carvalho Lima (Org.). **Danças circulares sagradas: uma proposta de educação e cura**. São Paulo: TRIOM; Faculdade Anhembi Morumbi, 1998.
- FARO, Antônio José. Origem e divisões da dança. *In*: FARO, Antônio José. **Pequena história da dança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- FERNANDES, Eulália. **Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.
- FORTES, Mônica de Carvalho Campello; LAGO, Ana Beatriz Rodrigues do. A dança e o deficiente auditivo. *Espaço*, Informativo Técnico-Científico do INES, Rio de Janeiro, v.1, n. 1 jul./dez. 1990.
- FUX, Maria. **Dança terapia**. São Paulo: Summus, 1982.
- GOULART, Maria Inês. A criança e a construção do conhecimento. *In*: CARVALHO, Alysso e outros (Org.). **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG / Proex- UFMG, 2002.
- MEUER, A. de; STAES, L. **Psicomotricidade: educação e reeducação**. São Paulo: Manole, 1989.
- MORGAN, Thomas. **A linguagem do corpo**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1989 (Ediouro, Coleção Máster).
- NANNI, Dionísia. **Dança educação — princípios, métodos e técnicas**. 4.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky e os processos de formação de conceitos. *In*: LA TAILLE, Ives de; KOHL, Marta ; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- _____. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento — um processo sócio-histórico**. 4.ed. São Paulo: Scipione., 1997.
- PEREIRA, Olívia e outros (Org.). **Educação Especial: atuais desafios**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- RAPPAPORT, Clara Regina. **A infância inicial: o bebê e sua mãe**. São Paulo: EDU, 1981
- ROSADAS, Sidney Carvalho. **Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente: eu posso, vocês duvidam?** Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Atheneu, 1989.
- SANTOS, Mônica Pereira dos. Desenvolvendo políticas e práticas inclusivas "sustentáveis": uma revisita à inclusão. *Educação em Foco*, v. 4, n.2, p. 47-56, set/fev. 1999/2000.
- _____. **Educação e psicopedagogia: rumo à inclusão** [— no prelo].
- TESKE, Ottmar. A relação dialógica como pressuposto na aceitação das diferenças: o processo de formação das comunidades surdas. *In*: SKLIAR, Carlos (Org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: ed. Mediação, 1998.